



# SEDES DF

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO  
DISTRITO FEDERAL

ESPECIALISTA EM ASSISTÊNCIA SOCIAL -  
PEDAGOGIA

COM BASE NO ÚLTIMO EDITAL

CÓD: OP-075AB-26  
7908403591510

## ÍNDICE

### Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de textos .....	9
2. Domínio da ortografia oficial .....	12
3. Acentuação gráfica.....	15
4. Domínio da estrutura morfossintática do período .....	16
5. Substituição de conectores .....	18
6. Domínio dos mecanismos de coesão e coerência .....	19
7. Emprego dos sinais de pontuação .....	20
8. Emprego do sinal indicativo de crase.....	21
9. Colocação dos pronomes átonos .....	21
10. Concordância verbal e nominal .....	23
11. Regência verbal e nominal.....	25
12. Sinonímia e antonímia; Denotação e conotação. ....	27

### Atualidades

1. Domínio de tópicos atuais e relevantes de diversas áreas, tais como: desenvolvimento sustentável, ecologia, tecnologia, energia, política, economia, sociedade, relações internacionais e seus conflitos, educação, saúde, segurança e artes e literatura e suas vinculações históricas.....	41
2. Atualidades e contextos históricos, geográficos, sociais, políticos, econômicos e culturais referentes ao Distrito Federal e Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno – RIDE .....	41

### Lei Orgânica do Distrito Federal

1. Dos Fundamentos da Organização dos Poderes e do Distrito Federal.....	57
2. Da organização do Distrito Federal: Da Organização Administrativa do Distrito Federal; Dos Servidores Públicos .....	58
3. Da Assistência Social .....	60

### Noções de Direito Constitucional

1. Constituição: conceito, classificação e assistência social .....	65
2. Normas Constitucionais relativas à Administração e aos Servidores Públicos.....	70
3. Direitos e Garantias Fundamentais; Os Direitos Humanos na Constituição Federal de 1988 (artigos 5.º ao 15.º) .....	77
4. Organização do Estado.....	85

## Direito Administrativo e Assistência Social

1. Administração Pública .....	97
2. Poder Hierárquico .....	100
3. Ato Administrativo .....	102
4. Servidor Público; Agentes Públicos.....	115
5. Órgãos.....	127
6. Lei Complementar nº 840/2011 e respectivas atualizações .....	130
7. Política Nacional de Assistência Social (PNAS).....	164
8. Sistema Único de Assistência Social (SUAS).....	164
9. Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).....	169
10. Serviços de proteção Social Básica .....	172
11. Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico).....	176
12. Protocolo de Gestão Integrada de Serviços, Benefícios e Transferências de Renda no âmbito do Sistema Único de Assistência Social – SUAS .....	180
13. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) .....	183
14. Norma Operacional Básica - NOBSUAS.....	186
15. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução 109/2009).....	187
16. Legislação e respectivas atualizações: Lei 11.340/2006 .....	208
17. Lei nº 10.741/2003 .....	214
18. Decreto 7.053/2009.....	225
19. Lei nº 8069/90 .....	227
20. Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/1994).....	267
21. Lei 8.742/1993 .....	269

## Conhecimentos Específicos Especialista em Assistência Social - Pedagogia

1. Administração da Educação e Comunidade. Concepções e Modalidades de Educação: abordagens, funcionalista e dialética; as instituições pedagógicas: educação formal e não formal .....	285
2. Conceitos de comunidade e concepções de desenvolvimento .....	289
3. A administração de projetos educativos comunitários; e integração escola-comunidade e auto-organização da comunidade .....	291
4. Planejamento, questão e avaliação de programas educativos comunitários. Planejamento participativo .....	292
5. Cultura Organizacional. Fundamentos da Cultura Organizacional: conceituação; histórico/evolução; situação atual.....	294
6. Diferença entre Cultura Organizacional e Administração .....	296
7. Categorias de Análise da Cultura Organizacional: poder; valores; clima; comprometimento; qualidade de vida no trabalho; gestão de desempenho; gestão de competência.....	297
8. Desafios na formação do educador. 1. Fundamentos teóricos norteadores de diferentes concepções de formação do educador numa perspectiva estratégica da sociedade brasileira .....	298
9. Desafios produzidos pela sociedade tecnológica na formação do educador: formação básica, habilitações de licenciaturas, dicotomias na formação do educador. Mercado de trabalho. Questões do analfabetismo, evasão escolar, educação de adultos, universidade noturna, educação a distância.....	300

---

## ÍNDICE

---

10. Legislação sobre educação e formação do educador no brasil a partir de 1960. Questão da educação pública e privada	302
11. Direito Educacional. A legislação do ensino brasileiro: Constituição Federal, Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I da Educação .....	305
12. Lei nº 9.394/1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional).....	308
13. Gestão Democrática.....	328
14. Os princípios e a filosofia da educação brasileira .....	334
15. Educação e Trabalho. Conceito original de educação .....	336
16. Evolução histórica do processo educativo para identificação atual dos vários espaços educativos, inclusive a organização do trabalho .....	338
17. Desafios atuais da transdisciplinariedade na pratica educativa.....	340
18. Conceitos de trabalho .....	342
19. Relação entre educação e trabalho: pressupostos teóricos.....	343
20. Educação e trabalho no Brasil: o processo de construção das ideias e principais contribuições .....	344
21. Educação do trabalhador em profissões e ambientes de trabalho emergentes. Formação profissional. Polivalência, especialização. Grupo multiprofissional. Certificado ocupacional. Metodologias educacionais centradas no trabalho.....	346

---

# CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

## COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades essenciais para que a comunicação alcance seu objetivo de forma eficaz. Em diversos contextos, como na leitura de livros, artigos, propagandas ou imagens, é necessário que o leitor seja capaz de entender o conteúdo proposto e, além disso, atribuir significados mais amplos ao que foi lido ou visto.

Para isso, é importante distinguir os conceitos de compreensão e interpretação, bem como reconhecer que um texto pode ser verbal (composto por palavras) ou não-verbal (constituído por imagens, símbolos ou outros elementos visuais).

Compreender um texto implica decodificar sua mensagem explícita, ou seja, captar o que está diretamente apresentado. Já a interpretação vai além da compreensão, exigindo que o leitor utilize seu repertório pessoal e conhecimentos prévios para gerar um sentido mais profundo do texto. Dessa forma, dominar esses dois processos é essencial não apenas para a leitura cotidiana, mas também para o desempenho em provas e concursos, onde a análise de textos e imagens é frequentemente exigida.

Essa distinção entre compreensão e interpretação é crucial, pois permite ao leitor ir além do que está explícito, alcançando uma leitura mais crítica e reflexiva.

### CONCEITO DE COMPREENSÃO

A compreensão de um texto é o ponto de partida para qualquer análise textual. Ela representa o processo de decodificação da mensagem explícita, ou seja, a habilidade de extrair informações diretamente do conteúdo apresentado pelo autor, sem a necessidade de agregar inferências ou significados subjetivos. Quando compreendemos um texto, estamos simplesmente absorvendo o que está dito de maneira clara, reconhecendo os elementos essenciais da comunicação, como o tema, os fatos e os argumentos centrais.

#### ► A Compreensão em Textos Verbais

Nos textos verbais, que utilizam a linguagem escrita ou falada como principal meio de comunicação, a compreensão passa pela habilidade de ler com atenção e reconhecer as estruturas linguísticas. Isso inclui:

- **Vocabulário**: O entendimento das palavras usadas no texto é fundamental. Palavras desconhecidas podem comprometer a compreensão, tornando necessário o uso de dicionários ou ferramentas de pesquisa para esclarecer o significado.
- **Sintaxe**: A maneira como as palavras estão organizadas em frases e parágrafos também influencia o processo de compreensão. Sentenças complexas, inversões sintáticas ou o

- uso de conectores como conjunções e preposições requerem atenção redobrada para garantir que o leitor compreenda as relações entre as ideias.

- **Coesão e coerência**: são dois pilares essenciais da compreensão. Um texto coeso é aquele cujas ideias estão bem conectadas, e a coerência se refere à lógica interna do texto, onde as ideias se articulam de maneira fluida e compreensível.

Ao realizar a leitura de um texto verbal, a compreensão exige a decodificação de todas essas estruturas. É a partir dessa leitura atenta e detalhada que o leitor poderá garantir que absorveu o conteúdo proposto pelo autor de forma plena.

#### ► A Compreensão em Textos Não-Verbais

Além dos textos verbais, a compreensão se estende aos textos não-verbais, que utilizam símbolos, imagens, gráficos ou outras representações visuais para transmitir uma mensagem. Exemplos de textos não-verbais incluem obras de arte, fotografias, infográficos e até gestos em uma linguagem de sinais.

A compreensão desses textos exige uma leitura visual aguçada, na qual o observador decodifica os elementos presentes, como:

- **Cores**: As cores desempenham um papel comunicativo importante em muitos contextos, evocando emoções ou sugerindo informações adicionais. Por exemplo, em um gráfico, cores diferentes podem representar categorias distintas de dados.
- **Formas e símbolos**: Cada forma ou símbolo em um texto visual pode carregar um significado próprio, como sinais de trânsito ou logotipos de marcas. A correta interpretação desses elementos depende do conhecimento prévio do leitor sobre seu uso.
- **Gestos e expressões**: Em um contexto de comunicação corporal, como na linguagem de sinais ou em uma apresentação oral acompanhada de gestos, a compreensão se dá ao identificar e entender as nuances de cada movimento.

#### ► Fatores que Influenciam a Compreensão

A compreensão, seja de textos verbais ou não-verbais, pode ser afetada por diversos fatores, entre eles:

- **Conhecimento prévio**: Quanto mais familiarizado o leitor estiver com o tema abordado, maior será sua capacidade de compreender o texto. Por exemplo, um leitor que já conhece o contexto histórico de um fato poderá compreender melhor uma notícia sobre ele.
- **Contexto**: O ambiente ou a situação em que o texto é apresentado também influencia a compreensão. Um texto jornalístico, por exemplo, traz uma mensagem diferente dependendo de seu contexto histórico ou social.

## AMOSTRA

▪ **Objetivos da leitura:** O propósito com o qual o leitor aborda o texto impacta a profundidade da compreensão. Se a leitura for para estudo, o leitor provavelmente será mais minucioso do que em uma leitura por lazer.

► **Compreensão como Base para a Interpretação**

A compreensão é o primeiro passo no processo de leitura e análise de qualquer texto. Sem uma compreensão clara e objetiva, não é possível seguir para uma etapa mais profunda, que envolve a interpretação e a formulação de inferências. Somente após a decodificação do que está explicitamente presente no texto, o leitor poderá avançar para uma análise mais subjetiva e crítica, onde ele começará a trazer suas próprias ideias e reflexões sobre o que foi lido.

Em síntese, a compreensão textual é um processo que envolve a decodificação de elementos verbais e não-verbais, permitindo ao leitor captar a mensagem essencial do conteúdo. Ela exige atenção, familiaridade com as estruturas linguísticas ou visuais e, muitas vezes, o uso de recursos complementares, como dicionários. Ao dominar a compreensão, o leitor cria uma base sólida para interpretar textos de maneira mais profunda e crítica.

► **Textos Verbais e Não-Verbais**

Na comunicação, os textos podem ser classificados em duas categorias principais: verbais e não-verbais. Cada tipo de texto utiliza diferentes recursos e linguagens para transmitir suas mensagens, sendo fundamental que o leitor ou observador saiba identificar e interpretar corretamente as especificidades de cada um.

**Textos Verbais:**

Os textos verbais são aqueles constituídos pela linguagem escrita ou falada, onde as palavras são o principal meio de comunicação. Eles estão presentes em inúmeros formatos, como livros, artigos, notícias, discursos, entre outros. A linguagem verbal se apoia em uma estrutura gramatical, com regras que organizam as palavras e frases para transmitir a mensagem de forma coesa e compreensível.

**Características dos Textos Verbais:**

- **Estrutura Sintática:** As frases seguem uma ordem gramatical que facilita a decodificação da mensagem.
- **Uso de Palavras:** As palavras são escolhidas com base em seu significado e função dentro do texto, permitindo ao leitor captar as ideias expressas.
- **Coesão e Coerência:** A conexão entre frases, parágrafos e ideias deve ser clara, para que o leitor compreenda a linha de raciocínio do autor.

Exemplos de textos verbais incluem:

- **Livros e artigos:** Onde há um desenvolvimento contínuo de ideias, apoiado em argumentos e explicações detalhadas.
- **Diálogos e conversas:** Que utilizam a oralidade para interações mais diretas e dinâmicas.
- **Panfletos e propagandas:** Usam a linguagem verbal de forma concisa e direta para transmitir uma mensagem específica.

A compreensão de um texto verbal envolve a decodificação de palavras e a análise de como elas se conectam para construir significado. É essencial que o leitor identifique o tema, os argumentos centrais e as intenções do autor, além de perceber possíveis figuras de linguagem ou ambiguidades.

**Textos Não-Verbais:**

Os textos não-verbais utilizam elementos visuais para se comunicar, como imagens, símbolos, gestos, cores e formas. Embora não usem palavras diretamente, esses textos transmitem mensagens completas e são amplamente utilizados em contextos visuais, como artes visuais, placas de sinalização, fotografias, entre outros.

**Características dos Textos Não-Verbais:**

- **Imagens e símbolos:** Carregam significados culturais e contextuais que devem ser reconhecidos pelo observador.
- **Cores e formas:** Podem ser usadas para evocar emoções ou destacar informações específicas. Por exemplo, a cor vermelha em muitos contextos pode representar perigo ou atenção.
- **Gestos e expressões:** Na comunicação corporal, como na linguagem de sinais ou na expressão facial, o corpo desempenha o papel de transmitir a mensagem.

Exemplos de textos não-verbais incluem:

- **Obras de arte:** Como pinturas ou esculturas, que comunicam ideias, emoções ou narrativas através de elementos visuais.
- **Sinais de trânsito:** Que utilizam formas e cores para orientar os motoristas, dispensando a necessidade de palavras.
- **Infográficos:** Combinações de gráficos e imagens que transmitem informações complexas de forma visualmente acessível.

A interpretação de textos não-verbais exige uma análise diferente da dos textos verbais. É necessário entender os códigos visuais que compõem a mensagem, como as cores, a composição das imagens e os elementos simbólicos utilizados. Além disso, o contexto cultural é crucial, pois muitos símbolos ou gestos podem ter significados diferentes dependendo da região ou da sociedade em que são usados.

► **Relação entre Textos Verbais e Não-Verbais**

Embora sejam diferentes em sua forma, textos verbais e não-verbais frequentemente se complementam. Um exemplo comum são as propagandas publicitárias, que utilizam tanto textos escritos quanto imagens para reforçar a mensagem. Nos livros ilustrados, as imagens acompanham o texto verbal, ajudando a criar um sentido mais completo da história ou da informação.

Essa integração de elementos verbais e não-verbais é amplamente utilizada para aumentar a eficácia da comunicação, tornando a mensagem mais atraente e de fácil entendimento. Nos textos multimodais, como nos sites e nas redes sociais, essa combinação é ainda mais evidente, visto que o público interage simultaneamente com palavras, imagens e vídeos, criando uma experiência comunicativa rica e diversificada.

# LÍNGUA PORTUGUESA

**DOMÍNIO DE TÓPICOS ATUAIS E RELEVANTES DE DIVERSAS ÁREAS, TAIS COMO: DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, ECOLOGIA, TECNOLOGIA, ENERGIA, POLÍTICA, ECONOMIA, SOCIEDADE, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEUS CONFLITOS, EDUCAÇÃO, SAÚDE, SEGURANÇA E ARTES E LITERATURA E SUAS VINCULAÇÕES HISTÓRICAS**

## A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE ATUALIDADES

Dentre todas as disciplinas com as quais concurseiros e estudantes de todo o país se preocupam, a de atualidades tem se tornado cada vez mais relevante. Quando pensamos em matemática, língua portuguesa, biologia, entre outras disciplinas, inevitavelmente as colocamos em um patamar mais elevado que outras que nos parecem menos importantes, pois de algum modo nos é ensinado a hierarquizar a relevância de certos conhecimentos desde os tempos de escola.

No, entanto, atualidades é o único tema que insere o indivíduo no estudo do momento presente, seus acontecimentos, eventos e transformações. O conhecimento do mundo em que se vive de modo algum deve ser visto como irrelevante no estudo para concursos, pois permite que o indivíduo vá além do conhecimento técnico e explore novas perspectivas quanto à compreensão de mundo.

Em sua grande maioria, as questões de atualidades em concursos são sobre fatos e acontecimentos de interesse público, mas podem também apresentar conhecimentos específicos do meio político, social ou econômico, sejam eles sobre música, arte, política, economia, figuras públicas, leis etc. Seja qual for a área, as questões de atualidades auxiliam as bancas a peneirarem os candidatos e selecionarem os melhores preparados não apenas de modo técnico.

Sendo assim, estudar atualidades é o ato de se manter constantemente informado. Os temas de atualidades em concursos são sempre relevantes. É certo que nem todas as notícias que você vê na televisão ou ouve no rádio aparecem nas questões, manter-se informado, porém, sobre as principais notícias de relevância nacional e internacional em pauta é o caminho, pois são debates de extrema recorrência na mídia.

O grande desafio, nos tempos atuais, é separar o joio do trigo. Com o grande fluxo de informações que recebemos diariamente, é preciso filtrar com sabedoria o que de fato se está consumindo. Por diversas vezes, os meios de comunicação (TV, internet, rádio etc.) adaptam o formato jornalístico ou informativo para transmitirem outros tipos de informação, como fofocas, vidas de celebridades, futebol, acontecimentos de novelas, que não devem de modo algum serem inseridos como parte

do estudo de atualidades. Os interesses pessoais em assuntos deste cunho não são condenáveis de modo algum, mas são triviais quanto ao estudo.

Ainda assim, mesmo que tentemos nos manter atualizados através de revistas e telejornais, o fluxo interminável e ininterrupto de informações veiculados impede que saibamos de fato como estudar. Apostilas e livros de concursos impressos também se tornam rapidamente desatualizados e obsoletos, pois atualidades é uma disciplina que se renova a cada instante.

O mundo da informação está cada vez mais virtual e tecnológico, as sociedades se informam pela internet e as compartilham em velocidades incalculáveis. Pensando nisso, a editora prepara mensalmente o material de atualidades de mais diversos campos do conhecimento (tecnologia, Brasil, política, ética, meio ambiente, jurisdição etc.) na “Área do Cliente”.

Lá, o concurseiro encontrará um material completo de aula preparado com muito carinho para seu melhor aproveitamento. Com o material disponibilizado online, você poderá conferir e checar os fatos e fontes de imediato através dos veículos de comunicação virtuais, tornando a ponte entre o estudo desta disciplina tão fluida e a veracidade das informações um caminho certo.

**ATUALIDADES E CONTEXTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS, SOCIAIS, POLÍTICOS, ECONÔMICOS E CULTURAIS REFERENTES AO DISTRITO FEDERAL E REGIÃO INTEGRADA DE DESENVOLVIMENTO DO ENTORNO – RIDE**

## FORMAÇÃO HISTÓRICA DE BRASÍLIA, DO DISTRITO FEDERAL E DO ENTORNO

### ► Antecedentes da interiorização da capital

A transferência da capital brasileira para o interior do território nacional não foi uma ideia surgida de forma repentina no século XX. Ao contrário, tratou-se de um projeto antigo, ligado à necessidade de fortalecer a ocupação do espaço interno, reduzir vulnerabilidades geopolíticas do litoral e promover maior integração territorial. Ainda no período colonial, já existia a percepção de que a excessiva concentração política e administrativa no litoral deixava o centro decisório do país mais exposto e contribuía para uma ocupação territorial desequilibrada. Essa visão amadureceu ao longo do Império e ganhou maior densidade política após a Independência.

No século XIX, a proposta de deslocamento da capital passou a ser associada à construção de um Estado nacional mais coeso. José Bonifácio de Andrada e Silva, figura central da formação política do Brasil independente, defendeu a interiorização e chegou a sugerir o nome “Brasília” para a futura capital. A ideia possuía

## AMOSTRA

forte conteúdo simbólico: fundar uma capital no interior significava projetar um país voltado para si mesmo, para sua unidade territorial e para um futuro de expansão econômica e administrativa. Não era apenas uma mudança de sede governamental, mas a afirmação de um novo eixo de desenvolvimento nacional.

Com a República, essa proposta ganhou impulso institucional. A Constituição de 1891 previu a possibilidade de estabelecimento da futura capital em uma área do Planalto Central. Em seguida, foi organizada a chamada Missão Cruls, expedição científica que percorreu a região e delimitou uma área considerada adequada para a implantação da nova capital. O trabalho da missão foi decisivo porque não se limitou à simples demarcação de terras: ele reuniu informações sobre relevo, clima, recursos hídricos, vegetação e condições gerais de ocupação, oferecendo bases técnicas para um projeto que, embora não fosse executado imediatamente, passou a contar com maior fundamentação. Conforme o material de referência, essa primeira delimitação ficou conhecida como Quadrilátero Cruls, marco importante na história territorial da futura capital.

### ► Projeto político de transferência da capital para o Planalto Central

A interiorização da capital brasileira foi, ao longo do tempo, convertida em projeto de Estado. Mesmo prevista constitucionalmente e defendida por diversos setores políticos e intelectuais, sua implementação encontrou obstáculos financeiros, logísticos e institucionais. A distância dos grandes centros, a precariedade dos meios de transporte e a magnitude da obra exigiam um governo disposto a assumir elevados custos políticos e materiais. Foi somente na década de 1950, em um contexto de forte discurso desenvolvimentista, que o projeto se tornou viável.

O governo de Juscelino Kubitschek foi o grande responsável por transformar a antiga aspiração em realidade concreta. Inserida no Plano de Metas, a construção de Brasília expressava a ideia de modernização acelerada do país, sintetizada no lema de realizar “cinquenta anos em cinco”. A nova capital passou a representar, simultaneamente, integração territorial, racionalização administrativa, desenvolvimento econômico e afirmação de uma identidade nacional moderna. Assim, Brasília nasceu vinculada não apenas à política institucional, mas a uma visão de futuro para o Brasil.

A escolha do Planalto Central possuía razões práticas e simbólicas. Em termos geográficos, a posição central favorecia a articulação com diferentes regiões do país. Em termos políticos, a nova capital deveria romper com a tradição litorânea e incentivar a ocupação do interior. Em termos ideológicos, sua construção era apresentada como sinal de progresso, técnica e confiança no potencial transformador da ação estatal. Desse modo, Brasília foi concebida como cidade-síntese: capital administrativa, símbolo de unidade nacional e vitrine da modernidade brasileira.

### ► Construção de Brasília e o papel dos candangos

A construção de Brasília constituiu um dos episódios mais marcantes da história brasileira do século XX. Em 1956, com o início efetivo das obras, o projeto ganhou velocidade extraordinária. A Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap, foi criada

urbanístico, vencido por Lúcio Costa, cuja proposta ficou célebre pela simplicidade formal e pela concepção funcional do espaço urbano. Oscar Niemeyer, por sua vez, assumiu o desenho dos principais edifícios monumentais, conferindo à nova capital identidade arquitetônica singular.

Entretanto, a história de Brasília não pode ser reduzida aos nomes consagrados do urbanismo e da arquitetura. A cidade também foi erguida por milhares de trabalhadores vindos de diferentes partes do Brasil, sobretudo do Nordeste, de Minas Gerais e de Goiás. Esses trabalhadores, conhecidos como candangos, desempenharam papel central na construção física e humana da capital. Eles não apenas levantaram prédios, avenidas e estruturas públicas, mas também formaram os primeiros núcleos sociais permanentes da nova cidade.

O termo “candango” acabou adquirindo forte densidade histórica e simbólica. Ele remete à experiência do trabalho duro, da migração, da esperança de ascensão social e da participação anônima em uma obra monumental. Muitos desses trabalhadores chegaram ao Planalto Central em condições precárias, enfrentando dificuldades materiais, longas jornadas e carência de infraestrutura. Ainda assim, sua presença foi decisiva para a consolidação de Brasília. A capital, portanto, não é apenas resultado de um projeto técnico estatal; ela também é fruto do esforço coletivo de migrantes que passaram a integrar a própria identidade regional.

### ► Expansão urbana, cidades-satélites e consolidação das regiões administrativas

A inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, não encerrou o processo de formação territorial do Distrito Federal. Pelo contrário, a cidade planejada passou, desde cedo, a conviver com intensos processos de expansão urbana. Durante a construção da capital, diversos acampamentos foram organizados para abrigar trabalhadores e suas famílias. O primeiro deles, a Cidade Livre, mais tarde transformada em Núcleo Bandeirante, é exemplo claro de como a ocupação periférica acompanhou a implantação do Plano Piloto. Ao redor do núcleo central planejado, outros assentamentos foram surgindo e, com o tempo, consolidaram-se como cidades-satélites, posteriormente denominadas regiões administrativas.

Esse movimento revela uma característica fundamental da formação do Distrito Federal: a coexistência entre planejamento rigoroso no centro e crescimento mais acelerado e desigual nas áreas periféricas. O Plano Piloto foi concebido segundo parâmetros urbanísticos definidos, mas a dinâmica demográfica e migratória rapidamente ultrapassou a capacidade inicial do projeto. A necessidade de moradia para trabalhadores, servidores, comerciantes e populações de baixa renda impulsionou a criação e expansão de núcleos urbanos fora da área central.

Ao longo das décadas, essas áreas ganharam densidade populacional, infraestrutura própria e funções urbanas diversificadas. Muitas delas deixaram de ser espaços meramente residenciais para se converter em polos econômicos, comerciais e culturais relevantes dentro do Distrito Federal. Essa evolução ajuda a compreender por que a realidade territorial do DF é muito mais complexa do que a imagem tradicional de Brasília restrita ao Plano Piloto. O Distrito Federal é composto por múltiplas regiões administrativas, com perfis sociais, econômicos e urbanísticos bastante distintos.

# ATUALIDADES

## DOS FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DOS PODERES E DO DISTRITO FEDERAL

### LEI ORGÂNICA DO DISTRITO FEDERAL

*Sob a proteção de Deus, nós, Deputados Distritais, legítimos representantes do povo do Distrito Federal, investidos de Poder Constituinte, respeitando os preceitos da Constituição da República Federativa do Brasil, promulgamos a presente Lei Orgânica, que constitui a Lei Fundamental do Distrito Federal, com o objetivo de organizar o exercício do poder, fortalecer as instituições democráticas e os direitos da pessoa humana.*

### TÍTULO I DOS FUNDAMENTOS DA ORGANIZAÇÃO DOS PODERES E DO DISTRITO FEDERAL

Art. 1º O Distrito Federal, no pleno exercício de sua autonomia política, administrativa e financeira, observados os princípios constitucionais, reger-se-á por esta Lei Orgânica.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos da Constituição Federal e desta Lei Orgânica.

Art. 2º O Distrito Federal integra a união indissolúvel da República Federativa do Brasil e tem como valores fundamentais:

- I - a preservação de sua autonomia como unidade federativa;
- II - a plena cidadania;
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Ninguém será discriminado ou prejudicado em razão de nascimento, idade, etnia, raça, cor, sexo, características genéticas, estado civil, trabalho rural ou urbano, religião, convicções políticas ou filosóficas, orientação sexual, deficiência física, imunológica, sensorial ou mental, por ter cumprido pena, nem por qualquer particularidade ou condição, observada a Constituição Federal. (Parágrafo alterado(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 65 de 30/08/2013)

Art. 3º São objetivos prioritários do Distrito Federal:

I - garantir e promover os direitos humanos assegurados na Constituição Federal e na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

II - assegurar ao cidadão o exercício dos direitos de iniciativa que lhe couberem, relativos ao controle da legalidade e legitimidade dos atos do Poder Público e da eficácia dos serviços públicos;

- III - preservar os interesses gerais e coletivos;
- IV - promover o bem de todos;

V - proporcionar aos seus habitantes condições de vida compatíveis com a dignidade humana, a justiça social e o bem comum;

VI - dar prioridade ao atendimento das demandas da sociedade nas áreas de educação, saúde, trabalho, transporte, segurança pública, moradia, saneamento básico, lazer e assistência social;

VII - garantir a prestação de assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos;

VIII - preservar sua identidade, adequando as exigências do desenvolvimento à preservação de sua memória, tradição e peculiaridades;

IX - valorizar e desenvolver a cultura local, de modo a contribuir para a cultura brasileira.

X - assegurar, por parte do poder público, a proteção individualizada à vida e à integridade física e psicológica das vítimas e das testemunhas de infrações penais e de seus respectivos familiares. (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 6 de 14/10/1996)

XI - zelar pelo conjunto urbanístico de Brasília, tombado sob a inscrição nº 532 do Livro do Tombo Histórico, respeitadas as definições e critérios constantes do Decreto nº 10.829, de 2 de outubro de 1987, e da Portaria nº 314, de 8 de outubro de 1992, do então Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 12 de 12/12/1996)

XII - promover, proteger e defender os direitos da criança, do adolescente e do jovem. (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 73 de 23/04/2014)

XIII - valorizar e adotar políticas públicas de saúde, de assistência e de educação preventivas do suicídio. (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 103 de 06/12/2017)

XIV - promover a inclusão digital, o direito de acesso à Internet, o exercício da cidadania em meios digitais e a prestação de serviços públicos por múltiplos canais de acesso. (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 115 de 08/10/2019)

Art. 4º É assegurado o exercício do direito de petição ou representação, independentemente de pagamento de taxas ou emolumentos, ou de garantia de instância.

Art. 5º A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos e, nos termos da lei, mediante: (Artigo regulamentado(a) pelo(a) Lei 5608 de 07/01/2016)

I - plebiscito; (Inciso regulamentado(a) pelo(a) Lei 1642 de 17/09/1997)

II - referendo; (Inciso regulamentado(a) pelo(a) Lei 1642 de 17/09/1997)

III - iniciativa popular.

## AMOSTRA

**DA ORGANIZAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL: DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO DISTRITO FEDERAL; DOS SERVIDORES PÚBLICOS**

**TÍTULO II  
DA ORGANIZAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL**

(...)

**CAPÍTULO II  
DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO DISTRITO FEDERAL**

Art. 10. O Distrito Federal organiza-se em Regiões Administrativas, com vistas à descentralização administrativa, à utilização racional de recursos para o desenvolvimento sócio-econômico e à melhoria da qualidade de vida.

§ 1º (Parágrafo Declarado(a) Inconstitucional pelo(a) ADI 20130020168653 de 12/07/2013)

§ 2º A remuneração dos Administradores Regionais não poderá ser superior à fixada para os Secretários de Estado do Distrito Federal. (Parágrafo alterado(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 44 de 29/11/2005)

§ 3º A proibição de que trata o art. 19, § 8º, aplica-se à nomeação de administrador regional. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 60 de 20/12/2011)

Art. 11. As Administrações Regionais integram a estrutura administrativa do Distrito Federal.

Art. 12. (Artigo Declarado(a) Inconstitucional pelo(a) ADI 20130020168653 de 12/07/2013)

Art. 13. A criação ou extinção de Regiões Administrativas ocorrerá mediante lei aprovada pela-maioria absoluta dos Deputados Distritais.

Parágrafo único. Com a criação de nova região administrativa, fica criado, automaticamente, conselho tutelar para a respectiva região. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 83 de 20/08/2014)

(...)

**CAPÍTULO VI  
DOS SERVIDORES PÚBLICOS**

Art. 33. O Distrito Federal instituirá regime jurídico único e planos de carreira para os servidores da administração pública direta, autarquias e fundações públicas, nos termos do art. 39 da Constituição Federal.

§ 1º No exercício da competência estabelecida no caput, serão ouvidas as entidades representativas dos servidores públicos por ela abrangidos.

§ 2º As entidades integrantes da administração pública indireta não mencionadas no caput instituirão planos de carreira para os seus servidores, observado o disposto no parágrafo anterior.

§ 3º A fixação dos padrões de vencimento e dos demais componentes do sistema remuneratório deve observar: (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

I – a natureza, o grau de responsabilidade, as peculiaridades e a complexidade dos cargos componentes de cada carreira; (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

II – os requisitos para a investidura. (Inciso acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

§ 4º O Distrito Federal deve manter escola de governo para formação e aperfeiçoamento dos servidores públicos, constituindo-se a participação nos cursos um dos requisitos para promoção na carreira, facultada, para isso, a celebração de convênios ou contratos com os demais entes federados ou suas entidades. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

§ 5º O membro de Poder, o detentor de mandato eletivo, os Secretários de Estado, os administradores regionais e os demais casos previstos na Constituição Federal são remunerados exclusivamente por subsídio, fixado em parcela única, vedado o acréscimo de qualquer gratificação, adicional, abono, prêmio, verba de representação ou outra espécie remuneratória, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 19, IX e X. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

§ 6º A remuneração dos servidores públicos organizados em carreira pode ser fixada nos termos do § 5º. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

§ 7º Lei complementar pode estabelecer a relação entre a maior e a menor remuneração dos servidores públicos, obedecido, em qualquer caso, o disposto no art. 19, X. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

§ 8º Os Poderes Executivo e Legislativo devem publicar, até 31 de janeiro de cada ano, os valores do subsídio e da remuneração dos cargos e empregos públicos. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

§ 9º A lei deve disciplinar a aplicação de recursos orçamentários provenientes da economia com despesas correntes em cada órgão, autarquia e fundação, para aplicação no desenvolvimento de programas de qualidade e produtividade, treinamento e desenvolvimento, modernização, reaparelhamento e racionalização do serviço público, inclusive sob a forma de adicional ou prêmio de produtividade. (Parágrafo acrescido(a) pelo(a) Emenda à Lei Orgânica 80 de 31/07/2014)

Art. 34. A lei assegurará aos servidores da administração direta isonomia de vencimentos para cargos de atribuições iguais ou semelhantes do mesmo Poder ou entre servidores dos Poderes Executivo e Legislativo, ressalvadas as vantagens de caráter individual e as relativas a natureza ou local de trabalho.

Art. 35. São direitos dos servidores públicos, sujeitos ao regime jurídico único, além dos assegurados no § 2º do art. 39 da Constituição Federal, os seguintes:

I - gratificação do titular quando em substituição ou designado para responder pelo expediente;

II - duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias e quarenta horas semanais, facultado ao Poder Público conceder a compensação de horários e a redução da jornada, nos termos da lei;

III - proteção especial à servidora gestante ou lactante, inclusive mediante a adequação ou mudança temporária de suas funções, quando for recomendável a sua saúde ou a do nascituro, sem prejuízo de seus vencimentos e demais vantagens;

# LEI ORGÂNICA DO DISTRITO FEDERAL

## CONSTITUIÇÃO: CONCEITO, CLASSIFICAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

### ► Conceito de Constituição

A Constituição é a norma suprema que rege a organização de um Estado Nacional.

Por não haver na doutrina um consenso sobre o conceito de Constituição, faz-se importante o estudo das diversas concepções que o englobam. Então vejamos:

#### Constituição Sociológica:

Idealizada por Ferdinand Lassalle, em 1862, é aquela que deve traduzir a soma dos fatores reais de poder que rege determinada nação, sob pena de se tornar mera folha de papel escrita, que não corresponde à Constituição real.

#### Constituição Política:

Desenvolvida por Carl Schmitt, em 1928, é aquela que decorre de uma decisão política fundamental e se traduz na estrutura do Estado e dos Poderes e na presença de um rol de direitos fundamentais. As normas que não traduzirem a decisão política fundamental não serão Constituição propriamente dita, mas meras leis constitucionais.

#### Constituição Jurídica:

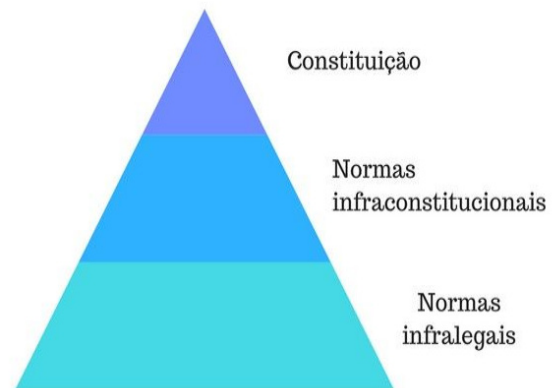
Fundada nas lições de Hans Kelsen, em 1934, é aquela que se constitui em norma hipotética fundamental pura, que traz fundamento transcendental para sua própria existência (sentido lógico-jurídico), e que, por se constituir no conjunto de normas com mais alto grau de validade, deve servir de pressuposto para a criação das demais normas que compõem o ordenamento jurídico (sentido jurídico-positivo).

Na concepção jurídico-positiva de Hans Kelsen, a Constituição ocupa o ápice da pirâmide normativa, servindo como paradigma máximo de validade para todas as demais normas do ordenamento jurídico.

Ou seja, as leis e os atos infralegais são hierarquicamente inferiores à Constituição e, por isso, somente serão válidos se não contrariarem as suas normas.

Abaixo, segue a imagem ilustrativa da Pirâmide Normativa:

### Pirâmide Normativa:



Como Normas Infraconstitucionais entendem-se as Leis Complementares e Ordinárias;

Como Normas Infralegais entendem-se os Decretos, Portarias, Instruções Normativas, Resoluções, etc.

### Constitucionalismo:

Canotilho define o constitucionalismo como uma teoria (ou ideologia) que ergue o princípio do governo limitado indispensável à garantia dos direitos em dimensão estruturante da organização político-social de uma comunidade.

Neste sentido, o constitucionalismo moderno representará uma técnica específica de limitação do poder com fins garantísticos.

O conceito de constitucionalismo transporta, assim, um claro juízo de valor. É, no fundo, uma teoria normativa da política, tal como a teoria da democracia ou a teoria do liberalismo.

Partindo, então, da ideia de que o Estado deva possuir uma Constituição, avança-se no sentido de que os textos constitucionais contêm regras de limitação ao poder autoritário e de prevalência dos direitos fundamentais, afastando-se a visão autoritária do antigo regime.

### ► Poder Constituinte Originário, Derivado e Decorrente - Reforma (Emendas e Revisão) e Mutação da Constituição

Canotilho afirma que o poder constituinte tem suas raízes em uma força geral da Nação. Assim, tal força geral da Nação atribui ao povo o poder de dirigir a organização do Estado, o que se convencionou chamar de poder constituinte.

Munido do poder constituinte, o povo atribui parcela deste a órgãos estatais especializados, que passam a ser denominados de Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário).

Portanto, o poder constituinte é de titularidade do povo, mas é o Estado, por meio de seus órgãos especializados, que o exerce.

## AMOSTRA

**Poder Constituinte Originário:**

É aquele que cria a Constituição de um novo Estado, organizando e estabelecendo os poderes destinados a reger os interesses de uma sociedade. Não deriva de nenhum outro poder, não sofre qualquer limitação na órbita jurídica e não se subordina a nenhuma condição, por tudo isso é considerado um poder de fato ou poder político.

**Poder Constituinte Derivado:**

Também é chamado de Poder instituído, de segundo grau ou constituído, porque deriva do Poder Constituinte originário, encontrando na própria Constituição as limitações para o seu exercício, por isso, possui natureza jurídica de um poder jurídico.

**Poder Constituinte Derivado Decorrente:**

É a capacidade dos Estados, Distrito Federal e unidades da Federação elaborarem as suas próprias Constituições (Lei Orgânica), no intuito de se auto-organizarem. O exercente deste Poder são as Assembleias Legislativas dos Estados e a Câmara Legislativa do Distrito Federal.

**Poder Constituinte Derivado Reformador:**

Pode editar emendas à Constituição. O exercente deste Poder é o Congresso Nacional.

**Mutação da Constituição:**

A interpretação constitucional deverá levar em consideração todo o sistema. Em caso de antinomia de normas, buscar-se-á a solução do aparente conflito através de uma interpretação sistemática, orientada pelos princípios constitucionais.

Assim, faz-se importante diferenciarmos reforma e mutação constitucional. Vejamos:

- **Reforma Constitucional** seria a modificação do texto constitucional, através dos mecanismos definidos pelo poder constituinte originário (emendas), alterando, suprimindo ou acrescentando artigos ao texto original.
- **Mutações Constitucionais** não seria alterações físicas, palpáveis, materialmente perceptíveis, mas sim alterações no significado e sentido interpretativo de um texto constitucional. A transformação não está no texto em si, mas na interpretação daquela regra enunciada. O texto permanece inalterado.

As mutações constitucionais, portanto, exteriorizam o caráter dinâmico e de prospecção das normas jurídicas, através de processos informais. Informais no sentido de não serem previstos dentre aquelas mudanças formalmente estabelecidas no texto constitucional.

**Métodos de Interpretação Constitucional:**

A hermenêutica constitucional tem por objeto o estudo e a sistematização dos processos aplicáveis para determinar o sentido e o alcance das normas constitucionais. É a ciência que fornece a técnica e os princípios segundo os quais o operador do Direito poderá apreender o sentido social e jurídico da norma constitucional em exame, ao passo que a interpretação consiste em desvendar o real significado da norma. É, enfim, a ciência da interpretação das normas constitucionais.

A interpretação das normas constitucionais é realizada a partir da aplicação de um conjunto de métodos hermenêuticos desenvolvidos pela doutrina e pela jurisprudência. Vejamos cada um deles:

**Método Hermenêutico Clássico:**

Também chamado de método jurídico, desenvolvido por Ernest Forsthoff, considera a Constituição como uma lei em sentido amplo, logo, a arte de interpretá-la deverá ser realizada tal qual a de uma lei, utilizando-se os métodos de interpretação clássicos, como, por exemplo, o literal, o lógico-sistemático, o histórico e o teleológico.

- **Literal ou gramatical:** examina-se separadamente o sentido de cada vocábulo da norma jurídica. É tida como a mais singela forma de interpretação, por isso, nem sempre é o mais indicado;
- **Lógico-sistemático:** conduz ao exame do sentido e do alcance da norma de forma contextualizada ao sistema jurídico que integra. Parte do pressuposto de que a norma é parcela integrante de um todo, formando um sistema jurídico articulado;
- **Histórico:** busca-se no momento da produção normativa o verdadeiro sentido da lei a ser interpretada;
- **Teleológico:** examina o fim social que a norma jurídica pretendeu atingir. Possui como pressuposto a intenção do legislador ao criar a norma.

**Método Tópico-Problemático:**

Este método valoriza o problema, o caso concreto. Foi idealizado por Theodor Viehweg. Ele interpreta a Constituição tentando adaptar o problema concreto (o fato social) a uma norma constitucional. Busca-se, assim, solucionar o problema “encaixando” em uma norma prevista no texto constitucional.

**Método Hermenêutico-Concretizador:**

Seu principal mentor foi Konrad Hesse. Concretizar é aplicar a norma abstrata ao caso concreto.

Este método reconhece a relevância da pré-compreensão do intérprete acerca dos elementos envolvidos no texto constitucional a ser desvendado.

A reformulação desta pré-compreensão e a subsequente releitura do texto normativo, com o posterior contraponto do novo conteúdo obtido com a realidade social (movimento de ir e vir) deve-se repetir continuamente até que se chegue à solução ótima do problema. Esse movimento é denominado círculo hermenêutico ou espiral hermenêutica.

**Método Científico-Espiritual:**

Desenvolvido por Rudolf Smend. Baseia-se no pressuposto de que o intérprete deve buscar o espírito da Constituição, ou seja, os valores subjacentes ao texto constitucional.

É um método marcadamente sociológico que analisa as normas constitucionais a partir da ordem de valores imanentes do texto constitucional, a fim de alcançar a integração da Constituição com a realidade social.

# NOÇÕES DE DIREITO CONSTITUCIONAL

## ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

### ► Conceito

De início, convém ressaltar que o estudo desse ramo do Direito, denota a distinção entre o Direito Administrativo, bem como entre as normas e princípios que nele se inserem.

No entanto, o Direito Administrativo, como sistema jurídico de normas e princípios, somente veio a surgir com a instituição do Estado de Direito, no momento em que o Poder criador do direito passou também a respeitá-lo. Tal fenômeno teve sua origem com os movimentos constitucionalistas, cujo início se deu no final do século XVIII. Por meio do novo sistema, o Estado passou a ter órgãos específicos para o exercício da Administração Pública e, por isso, foi necessário a desenvoltura do quadro normativo disciplinante das relações internas da Administração, bem como das relações entre esta e os administrados. Assim sendo, pode considerar-se que foi a partir do século XIX que o mundo jurídico abriu os olhos para a existência do Direito Administrativo.

Destaca-se ainda, que o Direito Administrativo foi formado a partir da teoria da separação dos poderes desenvolvida por Montesquieu, *L'Esprit des Lois*, 1748, e acolhida de forma universal pelos Estados de Direito. Até esse momento, o absolutismo reinante e a junção de todos os poderes governamentais nas mãos do Soberano não permitiam o desenvolvimento de quaisquer teorias que visassem a reconhecer direitos aos súditos, e que se opusessem às ordens do Príncipe. Prevalcia o domínio operante da vontade onipotente do Monarca.

Conceituar com precisão o Direito Administrativo é tarefa difícil, uma vez que o mesmo é marcado por divergências doutrinárias, o que ocorre pelo fato de cada autor evidenciar os critérios que considera essenciais para a construção da definição mais apropriada para o termo jurídico apropriado.

De antemão, ao entrar no fundamento de algumas definições do Direito Administrativo,

Considera-se importante denotar que o Estado desempenha três funções essenciais. São elas: **Legislativa, Administrativa e Jurisdicional**.

Pondera-se que os poderes **Legislativo, Executivo e Judiciário** são independentes, porém, em tese, harmônicos entre si. Os poderes foram criados para desempenhar as funções do Estado. Desta forma, verifica-se o seguinte:

#### Funções do Estado:

- Legislativa
- Administrativa
- Jurisdicional

#### Poderes criados para desenvolver as funções do estado:

- Legislativo
- Executivo
- Judiciário

Infere-se que cada poder exerce, de forma fundamental, uma das funções de Estado, é o que denominamos de **FUNÇÃO TÍPICA**.

	PODER LEGISLATIVO	PODER EXECUTIVO	PODER JUDICIÁRIO
<b>Função típica</b>	Legislar	Administrativa	Judiciária
<b>Atribuição</b>	Redigir e organizar o regramento jurídico do Estado	Administração e gestão estatal	Julgar e solucionar conflitos por intermédio da interpretação e aplicação das leis.

## AMOSTRA

Além do exercício da função típica, cada poder pode ainda exercer as funções destinadas a outro poder, é o que denominamos de exercício de **FUNÇÃO ATÍPICA**. Vejamos:

	PODER LEGISLATIVO	PODER EXECUTIVO	PODER JUDICIÁRIO
Função atípica	tem-se como função atípica desse poder, por ser típica do Poder Judiciário: O julgamento do Presidente da República por crime de responsabilidade.	tem-se por função atípica desse poder, por ser típica do Poder Legislativo: A edição de Medida Provisória pelo Chefe do Executivo.	tem-se por função atípica desse poder, por ser típica do Poder Executivo: Fazer licitação para realizar a aquisição de equipamentos utilizados em regime interno.

Diante da difícil tarefa de conceituar o Direito Administrativo, uma vez que diversos são os conceitos utilizados pelos autores modernos de Direito Administrativo, sendo que, alguns consideram apenas as atividades administrativas em si mesmas, ao passo que outros, optam por dar ênfase aos fins desejados pelo Estado, abordaremos alguns dos principais posicionamentos de diferentes e importantes autores.

No entendimento de Carvalho Filho (2010), “o Direito Administrativo, com a evolução que o vem impulsionando contemporaneamente, há de focar-se em dois tipos fundamentais de relações jurídicas, sendo, uma, de **caráter interno**, que existe entre as pessoas administrativas e entre os órgãos que as compõem e, a outra, de **caráter externo**, que se forma entre o Estado e a coletividade em geral.” (2010, Carvalho Filho, p. 26).

Como regra geral, o Direito Administrativo é conceituado como o ramo do direito público que cuida de princípios e regras que disciplinam a função administrativa abrangendo entes, órgãos, agentes e atividades desempenhadas pela Administração Pública na consecução do interesse público.

Vale lembrar que, como leciona DIEZ, o Direito Administrativo apresenta, ainda, três características principais:

- 1 – constitui um **direito novo**, já que se trata de disciplina recente com sistematização científica;
- 2 – espelha um **direito mutável**, porque ainda se encontra em contínua transformação;
- 3 – é um **direito em formação**, não se tendo, até o momento, concluído todo o seu ciclo de abrangência.

Entretanto, o Direito Administrativo também pode ser conceituado sob os aspectos de diferentes óticas, as quais, no deslindar desse estudo, iremos abordar as principais e mais importantes para estudo, conhecimento e aplicação.

- **Ótica Objetiva:** Segundo os parâmetros da ótica objetiva, o Direito Administrativo é conceituado como o acoplado de normas que regulamentam a atividade da Administração Pública de atendimento ao interesse público.
- **Ótica Subjetiva:** Sob o ângulo da ótica subjetiva, o Direito Administrativo é conceituado como um conjunto de normas que comandam as relações internas da Administração Pública e as relações externas que são encadeadas entre elas e os administrados.

Nos moldes do conceito objetivo, o Direito Administrativo é tido como o objeto da relação jurídica travada, não levando em conta os autores da relação.

O conceito de Direito Administrativo surge também como elemento próprio em um regime jurídico diferenciado, isso ocorre por que em regra, as relações encadeadas pela Administração Pública ilustram evidente falta de equilíbrio entre as partes.

Para o professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Fernando Correia, o Direito Administrativo é o sistema de normas jurídicas, diferenciadas das normas do direito privado, que regulam o funcionamento e a organização da Administração Pública, bem como a função ou atividade administrativa dos órgãos administrativos.

Correia, o intitula como um corpo de normas de Direito Público, no qual os princípios, conceitos e institutos distanciam-se do Direito Privado, posto que, as peculiaridades das normas de Direito Administrativo são manifestadas no reconhecimento à Administração Pública de prerrogativas sem equivalente nas relações jurídico-privadas e na imposição, em decorrência do princípio da legalidade, de limitações de atuação mais exatas do que as que auferem os negócios particulares.

Entende o renomado professor, que apenas com o aparecimento do Estado de Direito acoplado ao acolhimento do princípio da separação dos poderes, é que seria possível se falar em Direito Administrativo.

Oswaldo Aranha Bandeira de Mello aduz, em seu conceito analítico, que o Direito Administrativo juridicamente falando, ordena a atividade do Estado quanto à organização, bem como quanto aos modos e aos meios da sua ação, quanto à forma da sua própria ação, ou seja, legislativa e executiva, por intermédio de atos jurídicos normativos ou concretos, na consecução do seu fim de criação de utilidade pública, na qual participa de forma direta e imediata, e, ainda como das pessoas de direito que façam as vezes do Estado.

- **Observação importante:** Note que os conceitos classificam o Direito Administrativo como Ramo do Direito Público fazendo sempre referência ao interesse público, ao inverso do Direito Privado, que cuida do regulamento das relações jurídicas entre particulares, o Direito Público, tem por foco regular os interesses da sociedade, trabalhando em prol do interesse público.

# DIREITO ADMINISTRATIVO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

**ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO E COMUNIDADE. CONCEPÇÕES E MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: ABORDAGENS, FUNCIONALISTA E DIALÉTICA; AS INSTITUIÇÕES PEDAGÓGICAS: EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL**

## ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO E COMUNIDADE

A administração da educação, quando analisada em sua relação com a comunidade, revela que o processo educativo não se limita ao interior da escola nem pode ser compreendido apenas como execução de rotinas técnicas. Administrar a educação é organizar pessoas, recursos, objetivos, práticas pedagógicas e relações institucionais de modo que a formação humana aconteça com sentido social, político e cultural. Nesse contexto, a comunidade não é um elemento secundário ou externo. Ao contrário, ela integra o próprio fenômeno educacional, pois a escola está inserida em uma realidade concreta, formada por famílias, grupos sociais, valores, conflitos, práticas culturais e necessidades coletivas que influenciam diretamente o cotidiano escolar.

Durante muito tempo, a administração educacional foi compreendida de forma mais burocrática, centrada em normas, hierarquia, controle e racionalização do trabalho escolar. Essa visão deu grande importância à estrutura organizacional, ao cumprimento de calendários, à divisão de tarefas e à eficiência formal do sistema. Embora tais aspectos sejam relevantes, eles se mostram insuficientes quando se considera a complexidade da educação. A escola não produz bens materiais; ela participa da formação de sujeitos. Por isso, sua administração precisa ultrapassar o campo meramente técnico e assumir um caráter também pedagógico, democrático e social. O gestor educacional não organiza apenas documentos, horários e procedimentos; ele atua sobre condições que interferem na aprendizagem, na participação e na construção de vínculos entre escola e sociedade.

A comunidade, nesse cenário, precisa ser entendida em sentido amplo. Não se trata apenas dos moradores do entorno da escola, mas do conjunto de sujeitos e instituições que mantêm relação com a vida escolar e com o processo formativo dos estudantes. Família, associações de bairro, conselhos, movimentos sociais, serviços públicos, espaços culturais e organizações civis compõem uma rede que pode fortalecer ou dificultar a ação educativa. Quando a administração da educação ignora essa rede, a escola tende a se fechar sobre si mesma, tornando-se menos sensível às necessidades reais dos alunos. Quando, ao contrário, reconhece a comunidade como parceira e como fonte de diálogo, a gestão escolar ganha legitimidade, melhora sua capacidade de intervenção e amplia a relevância social do ensino.

Essa aproximação entre educação e comunidade está diretamente ligada à ideia de gestão democrática. A escola democrática não é apenas aquela que permite participação formal em reuniões ou conselhos. É aquela que constrói mecanismos

efetivos de escuta, deliberação, corresponsabilidade e transparência. A comunidade precisa ter espaço para participar da elaboração do projeto político-pedagógico, do acompanhamento das ações escolares e da definição de prioridades institucionais. Isso não significa transferir à comunidade toda a responsabilidade pela educação, que continua sendo dever do Estado e direito de todos, mas reconhecer que a qualidade do processo educativo depende também da interação entre escola e contexto social.

Além disso, a relação entre administração da educação e comunidade tem enorme importância para o enfrentamento das desigualdades. A escola pública atende estudantes com trajetórias, condições econômicas e repertórios culturais muito diversos. Uma administração escolar sensível à realidade comunitária consegue perceber que dificuldades de aprendizagem, evasão, baixa participação familiar ou conflitos disciplinares não podem ser explicados de maneira simplista, como se decorressem apenas de problemas individuais. Muitas vezes, essas questões estão ligadas a situações de vulnerabilidade social, ausência de políticas públicas, precariedade material ou exclusão histórica. Por isso, administrar a educação com responsabilidade social exige conhecer a comunidade, mapear suas características e articular respostas institucionais mais adequadas.

Outro ponto essencial é que a comunidade também educa. A escola não detém o monopólio da formação. Valores, identidades, comportamentos, linguagens e visões de mundo são construídos em múltiplos espaços sociais. Isso torna ainda mais importante uma administração educacional aberta ao diálogo intercultural e ao reconhecimento dos saberes comunitários. O gestor e os profissionais da educação precisam compreender que o vínculo entre escola e comunidade não se reduz à colaboração administrativa ou ao apoio eventual em eventos escolares. Trata-se de uma relação pedagógica profunda, porque a aprendizagem dos estudantes é influenciada por experiências que se desenvolvem dentro e fora da instituição escolar.

## ABORDAGEM FUNCIONALISTA DA EDUCAÇÃO

A abordagem funcionalista da educação parte da compreensão de que a sociedade funciona como um sistema composto por partes interdependentes, em que cada instituição desempenha determinada função necessária à manutenção do conjunto. Nessa perspectiva, a educação é vista como uma instituição social fundamental para a integração dos indivíduos, para a transmissão de valores coletivos e para a preservação da ordem social. A escola, então, aparece como espaço privilegiado de socialização, no qual crianças e jovens aprendem normas, comportamentos, conhecimentos e atitudes indispensáveis à vida em sociedade.

O funcionalismo entende que nenhuma sociedade se sustenta sem certo grau de coesão. Para que haja convivência social relativamente estável, é necessário que os indivíduos compartilhem valores básicos, reconheçam regras comuns e desenvolvam formas de comportamento compatíveis com a vida coletiva. A educação cumpre exatamente esse papel: introduz os sujeitos

## AMOSTRA

no universo simbólico da sociedade, transmite padrões culturais e prepara as novas gerações para assumirem funções sociais. A escola ensina conteúdos formais, mas também ensina pontualidade, disciplina, respeito à autoridade, cooperação, esforço e adaptação a normas. Esse conjunto de aprendizagens seria indispensável ao funcionamento do sistema social.

Nessa concepção, a educação possui também papel relevante na preparação para o trabalho. À medida que a sociedade se torna mais complexa, diferentes funções exigem diferentes níveis de qualificação. A escola contribui para isso ao selecionar, classificar e encaminhar os indivíduos segundo competências, desempenhos e títulos obtidos ao longo da trajetória escolar. O sistema educacional, sob o olhar funcionalista, ajuda a distribuir pessoas nas diversas posições da estrutura social. Assim, a desigualdade de posições não seria necessariamente vista como injustiça, mas como resultado de uma diferenciação funcional do sistema, em que cada um ocupa papéis de acordo com sua preparação e mérito.

Essa leitura influenciou fortemente a organização escolar moderna. A valorização do currículo comum, da disciplina institucional, da divisão de etapas, da avaliação padronizada e da hierarquia administrativa dialoga com o entendimento de que a escola precisa funcionar com regularidade e previsibilidade para cumprir sua missão socializadora. A administração educacional, nesse quadro, tende a adotar perfil técnico-racional, preocupado com eficiência, planejamento, coordenação de funções e manutenção da ordem interna. O gestor escolar aparece como responsável por assegurar o bom funcionamento da instituição, evitando desorganização e garantindo que a escola cumpra suas finalidades de integração e formação.

A abordagem funcionalista possui méritos analíticos. Ela ajuda a perceber que a educação não é fenômeno acidental, mas instituição social estruturante. Mostra que a escola contribui para a continuidade da vida social e que o processo educativo envolve muito mais do que simples transmissão de conteúdos. Ao destacar a socialização, essa perspectiva chama atenção para a importância dos valores compartilhados e para o fato de que a vida em coletividade requer aprendizagem de normas e papéis. Em termos de concursos, isso é importante porque muitas questões associam funcionalismo a integração, coesão, adaptação e manutenção do equilíbrio social.

Apesar disso, o funcionalismo recebe críticas significativas. A principal está em seu caráter conservador. Ao enfatizar a ordem e a estabilidade, essa abordagem pode minimizar os conflitos e desigualdades presentes na sociedade. A escola, nessa leitura, corre o risco de ser vista como neutra e meritocrática, quando, na prática, opera em contexto marcado por diferenças econômicas, culturais e sociais profundas. Nem todos os estudantes chegam à escola com as mesmas condições de aprendizagem, com o mesmo capital cultural ou com as mesmas oportunidades de sucesso. Assim, explicar os resultados escolares apenas com base em mérito individual pode ocultar fatores estruturais que interferem diretamente no desempenho educacional.

Outro limite importante é que o funcionalismo tende a apresentar a sociedade como organismo harmônico, em que cada parte contribui naturalmente para o todo. Essa imagem deixa em segundo plano as relações de poder, os processos de dominação e as disputas em torno dos fins da educação. A escola não é apenas lugar de consenso; é também espaço atravessado por

ideologias, interesses políticos e tensões sociais. Ao não enfatizar essa dimensão, a abordagem funcionalista oferece uma leitura parcial do fenômeno educacional.

**ABORDAGEM DIALÉTICA DA EDUCAÇÃO**

A abordagem dialética da educação propõe uma interpretação profundamente distinta daquela oferecida pelo funcionalismo. Em vez de compreender a sociedade como sistema harmônico e estável, a perspectiva dialética enxerga como realidade histórica marcada por contradições, conflitos, disputas de poder e possibilidades de transformação. Nessa visão, a educação não pode ser tratada como instituição neutra nem como simples mecanismo de adaptação dos indivíduos à ordem existente. A escola está inserida em uma sociedade desigual e, por isso, participa tanto da reprodução dessas desigualdades quanto da construção de práticas críticas capazes de enfrentá-las.

A ideia central da dialética é que a realidade social está em movimento. As estruturas sociais não são naturais nem imutáveis; são produzidas historicamente e, por isso, podem ser transformadas. Isso se aplica diretamente à educação. A escola não é apenas lugar de transmissão de conhecimentos e valores já consolidados, mas também espaço em que se expressam tensões sociais, diferenças de classe, disputas culturais e projetos distintos de sociedade. O processo educativo passa, assim, a ser analisado em sua relação com a totalidade social. Não basta observar a escola isoladamente; é necessário compreender como ela se conecta com a economia, a política, a cultura e as formas de dominação presentes na sociedade.

Sob a perspectiva dialética, a educação pode reproduzir a ordem social ao legitimar desigualdades, valorizar determinados saberes em detrimento de outros, silenciar experiências populares e reforçar padrões de exclusão. Mas essa mesma educação também pode abrir caminhos para a emancipação, para a consciência crítica e para a participação cidadã. A escola é contraditória justamente porque se encontra atravessada por forças opostas. Ela pode servir à conservação ou à transformação, dependendo das condições históricas, das práticas pedagógicas e do projeto político que a orienta.

Essa concepção traz consequências importantes para a administração da educação. Em vez de uma gestão centrada apenas na eficiência técnica, a abordagem dialética exige uma administração comprometida com a democratização das relações escolares e com a superação das desigualdades. O gestor educacional não é apenas executor de normas; ele atua em espaço político, no qual suas decisões influenciam oportunidades de participação, acesso ao conhecimento e condições de permanência dos estudantes. Planejar, avaliar e organizar a escola continuam sendo tarefas indispensáveis, mas elas não podem ser realizadas de modo supostamente neutro. Toda gestão educacional expressa valores, prioridades e concepções de sociedade.

A relação entre escola e comunidade ganha, nessa perspectiva, significado decisivo. A comunidade não é vista apenas como apoio externo, mas como sujeito histórico que traz para dentro da escola experiências, demandas, conflitos e saberes. A educação dialética reconhece que o conhecimento escolar precisa dialogar com a realidade vivida pelos estudantes, sem cair em espontaneísmo ou desprezo pelo saber sistematizado. O desafio está em articular conhecimento científico, experiência social e